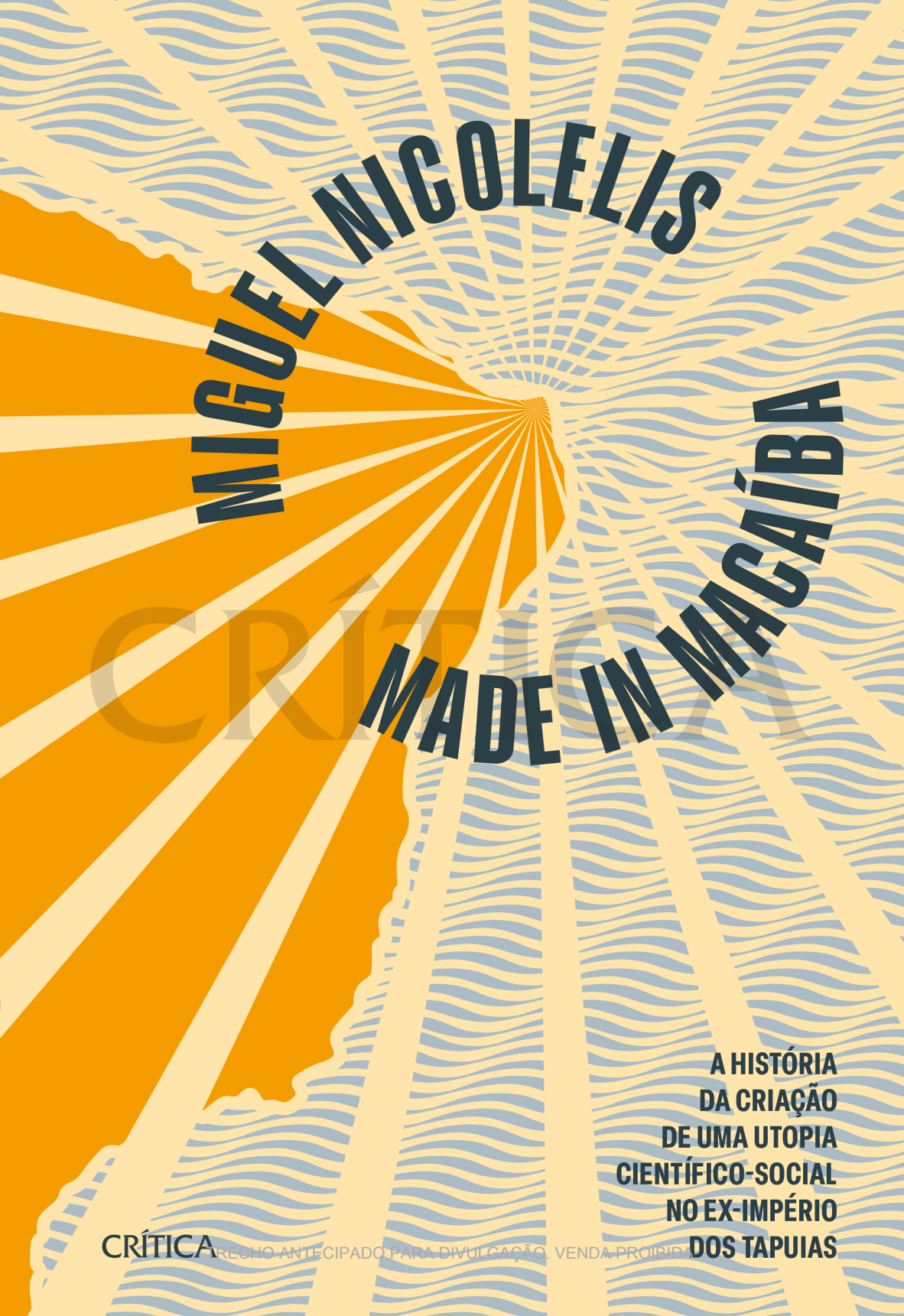




MIGUEL NICOLELIS

MADE IN MACAÍBA

**A HISTÓRIA
DA CRIAÇÃO
DE UMA UTOPIA
CIENTÍFICO-SOCIAL
NO EX-IMPÉRIO
DOS TAPUIAS**

CRÍTICA

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

MIGUEL NICOLELIS

MADE IN MACAÍBA

**A HISTÓRIA
DA CRIAÇÃO
DE UMA UTOPIA
CIENTÍFICO-SOCIAL
NO EX-IMPÉRIO
DOS TAPUIAS**

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Miguel Nicolelis, 2016
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016, 2025
Todos os direitos reservados.

Preparação: Carla D. Fortino
Revisão: Elisa Martins e Ceci Meira
Diagramação: 2 estúdio gráfico
Capa: Luciana Facchini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Nicolelis, Miguel
Made in Macaíba / Miguel Nicolelis. – 2. ed. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
304 p.

ISBN 978-85-422-3328-5

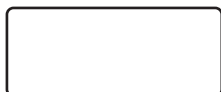
1. Neurociência 2. Neurociência cognitiva I. Título

25-0691

CDD 612.82

Índice para catálogo sistemático:

1. Neurociência



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986 – 4ª andar
01415-002 – Consolação
São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	11
---------------	----

PARTE I AS PERGUNTAS CRUCIAIS

1 MAS POR QUE O BRASIL?	19
2 MAS PARA QUE SERVE ESSA COISA DE CIÊNCIA?	31
3 MAS POR QUE NATAL?	43
4 MAS O QUE SIGNIFICA CIÊNCIA COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL?	61

PARTE II A CONSTRUÇÃO DA UTOPIA

5 A FLOR DO CACTO	77
6 A DIFERENÇA QUE 25 QUILOMETROS FAZEM!	93
7 O BRASIL E O MUNDO DESCOBREM O RIO GRANDE DO NORTE.	115
8 RUA DA VERGONHA, S/N	133

9 O CASO DE AMOR À PRIMEIRA VISTA ENTRE NEUROCIÊNCIA E EDUCAÇÃO: NASCE O IINN-ELS	157
10 O DIA EM QUE ANITA GARIBALDI TROCOU DE RIO GRANDE	177
11 O CAMPUS DO CÉREBRO: A PRIMEIRA ILHA DO ARQUIPÉLAGO DO CONHECIMENTO	201
12 NINGUÉM ESPERA PELA INQUISIÇÃO DA CAROLINA DO NORTE	221

PARTE III LEVANDO PROJETOS DO IINN-ELS PARA TODO O BRASIL

13 CRIANDO A CIÊNCIA TROPICAL À SOMBRA DAS MACAÍBAS	243
14 UM CHUTE BRASILEIRO PARA TODA A HUMANIDADE	263
EPÍLOGO DOIS MILHÕES DE MILHAS DEPOIS	283

BIBLIOGRAFIA	285
--------------------	-----

AGRADECIMENTOS	291
----------------------	-----

MAS POR QUE O BRASIL?

“Senhores passageiros, em poucos minutos estaremos aterrissando no Aeroporto Internacional de Guarulhos. Bem-vindos ao Brasil!”

O anúncio protocolar da chefe de cabine, geralmente ignorado pelo viajante calejado, dessa vez causou alvoroço em ouvidos ainda não completamente preparados para lidar com o reencontro com a cidade onde eu nascera e passara toda a minha infância e juventude. E de onde eu partira, catorze anos atrás, sem saber muito bem o que esperar de um desterro voluntário, imposto incondicionalmente pelo desejo de perseguir um propósito pouco comum para um jovem brasileiro no final dos anos 1980: virar cientista.

Pela janela entreaberta, como que para confirmar o caráter iminente da chegada, um horizonte banhado pelos primeiros bocejos alaranjados do amanhecer de verão revelava céus acinzentados, ainda mal-humorados e pouco receptivos a essa hora da madrugada, oferecendo a prova cabal da aproximação da megalópole. Sem nenhum outro aviso, ao término da última curva da aeronave, São Paulo, em todo o seu esplendor, revelou-se, de um só golpe, na forma de centenas de milhares de dedos de concreto, metal e vidro, que, perfurando a densa neblina, apontavam resolutos diretamente para o céu. Construídos em estilos e matizes os mais variados, sem seguir nenhum claro plano ou padrão, essas gigantescas estalactites da modernidade, esculpidas à mão

por múltiplas gerações de imigrantes do resto do país e do mundo, brotavam de um enorme platô, como se o teto pontiagudo de uma imensa caverna subterrânea tivesse se rebelado e virado no avesso.

“Lar doce lar”, o pensamento chispou de imediato!

Num milissegundo, enquanto a aeronave buscava a segurança da cabeceira da pista, o enorme simbolismo desse instante foi registrado por retinas ávidas por esculpir memórias que certamente durariam por toda uma vida. Tal qual um encontro com um ex-amor que há muito deixou de fazer parte da vida cotidiana, aquela aterrissagem matinal mexeu com todos os meus sentidos.

“Senhoras e senhores, são exatamente 5h30 da manhã do dia 4 de março de 2003. A temperatura é de 23 graus centígrados em São Paulo.”

Antes de me permitir desembarcar, porém, a chefe de cabine cumpriu o seu dever profissional de me alertar sobre as incertezas e perigos que assolavam todo visitante daquelas terras tropicais.

“Tome cuidado, senhor, a gente nunca sabe o que pode acontecer nesta cidade e neste país!”

Agradecendo o conselho, muito mais presciente do que eu poderia imaginar naquele átimo de puro encantamento, decidi cruzar de vez o limiar da incerteza e adentrar pelas portas do paraíso, dando o primeiro passo rumo a uma nova aventura, que, sem aviso prévio ou manual, me levaria, pela próxima década, a enfrentar os maiores desafios, percalços, decepções e vicissitudes da minha vida e carreira. Todos esses eventos não antecipados foram, porém, amplamente compensados por um sem-número de descobertas, realizações inesquecíveis, encontros humanos marcantes e um aprendizado de vida para o qual nada nem ninguém jamais poderia ter me preparado.

Já andando pelo terminal, ficou evidente que o que se iniciava naquele momento era uma escalada sem nenhuma perspectiva de volta. A única opção viável era continuar em frente, custasse o que custasse, até que o objetivo que me removera do meio daquele inverno norte-americano tivesse sido alcançado.

Depois do dia 19 de fevereiro de 1989, a primeira vez em que decidira mudar de vida ao embarcar num voo rumo a outro país (Estados

Unidos), uma nova língua e um modo totalmente diferente de pensar e praticar ciência, eu tivera algumas poucas oportunidades de retornar ao Brasil, ou em férias, ou para participar de algum evento científico. Dessa forma, à primeira vista, esse novo desembarque poderia ser apenas mais uma viagem rotineira, sem maiores compromissos ou desdobramentos. Todavia, nada poderia ser mais distante da verdade. Definitivamente, essa não era uma visita qualquer. Para mim, esse retorno trazia consigo a grande esperança de criar um caminho concreto para uma volta mais definitiva; o fio da meada que eventualmente poderia me permitir reconstituir e reatar, de uma vez por todas, os laços amorosos e afetivos com uma das minhas grandes paixões: o Brasil.

Como membro de uma geração que nasceu um pouco antes do golpe militar de 1964, jovem demais para participar da primeira fase de resistência ao regime de exceção instalado no final dos anos 1960, cresci sob a sombra constante do estigma de medo e terror dos anos de chumbo da ditadura. Finda a era do dito “milagre econômico”, o fracassado plano de desenvolvimento nacional proposto pelos generais, presenciei o moroso passar da chamada “década perdida” dos anos 1980.

Marcada por essa perda irreparável, tanto da sua inocência como dos seus sonhos juvenis, a minha geração participou ativamente do movimento pela redemocratização, a partir do final dos anos 1970 e da primeira metade dos 1980. Nessa época, enquanto a ditadura começava a dar sinais de exaustão, vivia-se uma decadência econômica aguda, o decolar da hiperinflação e um clima de grande insegurança pessoal e coletiva em relação ao futuro. Como resultado, durante esses anos muitos brasileiros começaram a perder a esperança em si e em seu país. Por toda parte, o complexo de inferioridade nacional era exposto pelo uso rotineiro de expressões como “coisa de primeiro mundo” e “nem parece coisa de brasileiro”, para descrever exemplos de sucesso de instituições ou indivíduos. Acreditava-se piamente na profecia segundo a qual para sempre o Brasil seria o “o país do futuro”, porque, nesses tristes trópicos, o futuro jamais teria como chegar.

Depois de ser admitido na Faculdade de Medicina da USP em 1979, passei a frequentar assiduamente as reuniões, discussões e atividades promovidas pelo Centro Acadêmico Oswaldo Cruz (CAOC), uma das entidades mais combativas do movimento estudantil brasileiro durante a ditadura. Foi assim que, para desespero dos meus pais, percorri as principais avenidas e praças de São Paulo, junto com enormes passeatas e atos públicos organizados pelas entidades de oposição, para protestar contra o governo militar.

Enquanto esse novo mundo se descortinava à minha frente, tive o privilégio de testemunhar alguns eventos históricos. Como naquele final de tarde de 1979, quando ainda “calouro”, ao entrar por acidente na sala de reuniões do CAOC, que funcionava num amplo porão do prédio da Faculdade de Medicina, pude presenciar uma das reuniões que decidiu pela recriação da União Nacional dos Estudantes (UNE). Ou então a memorável peregrinação, durante vários meses de 1984, pela sequência de megacomícios da campanha pelas Diretas Já, em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte, uma reivindicação que levou às ruas milhões de brasileiros por todo o país.

Nesse exercício diário de aprendizado, debate e contestação que a militância no movimento estudantil me ofereceu, não foi só um outro Brasil que surgiu perante os meus olhos, mas um outro eu; gradualmente emergiu em mim a necessidade imperiosa de agir e, de alguma forma, participar de um verdadeiro projeto de nação, uma visão de país que pudesse combater as raízes profundas do nosso subdesenvolvimento e do abandono social a que fora e continuava a ser condenada a vasta maioria da sociedade brasileira. Ao longo de todos os meus anos de exílio no exterior – apesar da necessidade de focar primeiro na minha formação científica –, este seria um tema recorrente: como cientista, trabalhando numa área de pesquisa tão especializada como a neurociência, poderia um dia contribuir de alguma forma concreta e eficaz para a reversão desse quadro de penúria humana?

Trinta anos depois, não tenho dúvida alguma em afirmar que a solução desse dilema existencial começou a ser equacionada numa tarde do verão de 1981, durante uma reunião com um grupo de

jovens professores de educação física. Ao longo daquele ano, como Diretor-Geral de Esportes (DGE) da Associação Atlética Acadêmica Oswaldo Cruz (AAAOC), o tradicional clube dos alunos da FMUSP, eu estava encarregado de supervisionar todas as atividades esportivas da AAAOC e a participação das suas equipes em competições universitárias do estado de São Paulo. A mais conhecida dessas, a MAC-MED, reunindo alunos da Universidade Mackenzie e da FMUSP, foi, durante boa parte do século passado, uma grande atração na cidade de São Paulo, chegando a lotar o ginásio de esportes do Estádio do Pacaembu durante uma semana inteira de competição.

Construída dentro de um bosque idílico, localizado bem ao lado do Hospital das Clínicas da FMUSP, a AAAOC e as suas amplas instalações esportivas (piscina com fundo de mármore, campo de futebol, pista de atletismo, quadra de tênis e dois ginásios cobertos) eram de uso exclusivo dos alunos da faculdade desde a sua construção, em meados da década de 1930. Mais recentemente, um pequeno contingente de associados, a maioria moradores dos arredores, fora aceito, mediante pagamento de uma mensalidade módica, como membros de um dos últimos redutos verdes do bairro de Pinheiros.

Os professores de educação física convidados para aquela reunião trabalhavam como técnicos das equipes esportivas da AAAOC, formadas por alunos da Faculdade de Medicina. Ainda assim, a pauta da reunião não estava ligada nem à MAC-MED, nem a qualquer outra atividade rotineira da AAAOC. O que eu queria discutir era um projeto de inclusão para as crianças do bairro de Pinheiros que viviam nas dezenas de prédios que decoravam o entorno da AAAOC sem nenhuma oportunidade para desfrutar nem daquele espaço mágico, nem de outra área qualquer de lazer. Para mim, era inconcebível que toda aquela estrutura esportiva permanecesse “às traças” na maior parte do dia, uma vez que somente muito cedo pela manhã, na hora do almoço, no final de tarde e nos fins de semana os alunos da FMUSP tinham tempo de frequentá-la.

Depois do primeiro susto, um grupo liderado pela então técnica do time de basquete feminino, Neiva Paraschiva, decidiu abraçar a causa com a típica obsessão dos imigrantes russos da Mooca e

elaborar um projeto pedagógico que levou à criação da MedSport, uma das primeiras escolas de esporte para crianças da cidade de São Paulo.

Mediante uma pequena mensalidade, essas crianças podiam então praticar as mais diversas modalidades esportivas no outrora exclusivo “clube dos médicos da USP”. Antes que qualquer um pudesse se dar conta, centenas de meninos e meninas, vestidos com uniformes verde e branco (as cores da Medicina da USP), podiam ser vistos nas quadras, no bosque, na pista de atletismo, nos ginásios, sob a supervisão de professores da MedSport. Contra todos os prognósticos de alguns dos “velhos” ex-alunos que se transformaram em médicos influentes do Hospital das Clínicas da USP, o sucesso junto à comunidade do bairro de Pinheiros e arredores foi estrondoso.

Ao longo dos anos seguintes, eventos como a Olimpíada da MedSport encheram a AAAOC mais do que qualquer outra competição dos alunos. Com isso, o apoio que a AAAOC, enquanto instituição, ganhou junto à comunidade foi incomensurável. Ao abrir-se para o seu entorno, de repente a AAAOC evoluiu do “clube dos médicos” para o “clube da vizinhança”.

Trinta e cinco anos depois, a MedSport continua lá, firme e forte. Graças à obstinação e à paixão da mesma Neiva Paraschiva – que anteriormente conduzira o time de basquete feminino da AAAOC a inúmeras vitórias épicas na Intermed e na MAC-MED, e que permaneceu como diretora da MedSport durante 27 anos –, milhares de crianças paulistanas tiveram “um quintal” para brincar e crescer em harmonia.

Ao longo dessas mais de três décadas de sucesso, dezenas de ex-alunos da MedSport voltaram para a AAAOC, agora como alunos da FMUSP. Hoje, muitos desses ex-alunos da MedSport frequentam os corredores da FMUSP e do Hospital das Clínicas como residentes e professores. Centenas de outros, depois de se graduarem nas quadras, viraram engenheiros, físicos, atletas e até cientistas, formando uma comunidade de cidadãos realizados e felizes que podem creditar boa parte dessa realização e felicidade àquelas manhãs e tardes passadas à sombra das seringueiras do parquinho, ao lado

da estátua do Carramão, ou dentro do Caveirão ou do Caveirinha (como são chamadas as duas quadras cobertas da AAAOC), defendendo o alviverde imponente da MedSport e da AAAOC, duas instituições cujas histórias, hoje, estão irremediavelmente interligadas.

A semente do que viria a ser o projeto mais importante da minha carreira de cientista havia sido plantada. Agora, era só esperar o momento adequado para vê-la florescer. No final de 1981, eu não fazia a menor ideia de que seria preciso mais de vinte anos para essa florescência começar a dar frutos.

Depois de ver nascer a MedSport, em 1982, resolvi me engajar de vez na tentativa de desalojar, pelo voto popular, os militares que ainda insistiam em manter o Brasil refém da sua distopia totalitária. Naquele ano o Brasil voltaria a eleger governadores pelo voto direto, e não por decreto dos títeres de farda. Ainda como aluno da FMUSP, passei a dividir o meu tempo, de uma forma não muito equânime, entre as aulas da faculdade e uma série de novas empreitadas voluntárias que incluíam, entre outras coisas, ser: motorista, panfleteiro, fotógrafo de comício e faz-tudo emergencial da campanha eleitoral para eleger o novo governador de São Paulo. Assim, de março a novembro daquele ano, a bordo de uma Brasília branca recém-presenteada pelo meu pai, transportei candidatos e material de campanha, e ajudei a afixar milhares de santinhos e panfletos da propaganda eleitoral por boa parte dos postes e muros da cidade de São Paulo e seus municípios vizinhos. Tal esforço se mostrou tão oneroso, do ponto de vista de quilometragem rodada, que, um dia, ao verificar o hodômetro do carro que ele acabara de me presentear, e perceber que ele já apontava algumas dezenas de milhares de quilômetros rodados em poucos meses, o senhor meritíssimo juiz de direito do segundo Tribunal do Júri da Capital, dr. Angelo Brasil Nicolelis, numa improvisada tomada de depoimento durante o jantar, me interrogou: “Pois então, desde quando o senhor se tornou motorista de táxi?”.

Liberado mediante fiança, sobrevivi para ver o candidato Djalma Bom, um dos líderes das greves dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, ser eleito deputado federal com uma grande votação. Para

minha enorme decepção, porém, o candidato a governador da mesma chapa terminou apenas em quarto lugar, atrás de Franco Montoro, que se elegeu, Paulo Maluf e Ademar de Barros Filho.

Em 1983, já no quinto ano da Faculdade de Medicina, o meu desapontamento com o resultado das eleições me deu a trégua física e mental e o tempo necessários para que eu iniciasse a perseguição de outra paixão juvenil: a ciência.

O pouso de Neil Armstrong na superfície da Lua, em 20 de julho de 1969, provavelmente deu início a esse namoro. Leitor ávido da obra de Júlio Verne, Isaac Asimov e Arthur Clark, desde os tempos do Grupo Escolar Napoleão de Carvalho Freire, a ciência e a ficção científica sempre fizeram parte das minhas divagações favoritas. Porém, foi um encontro fortuito, no meio da madrugada, durante um intervalo de um dos meus plantões como interno do pronto-socorro do Hospital das Clínicas, com um dos pais da neurociência brasileira, dr. César Timo-Iaria,¹ que selou meu destino. Daquela madrugada em diante, todas as minhas energias seriam devotadas à missão de me transformar num neurocientista de verdade.

A desilusão com a rejeição da emenda das Diretas e a mais do que irônica ascensão à Presidência da República, em 1986, do líder da Arena, o partido de sustentação da ditadura militar, devido ao falecimento trágico do presidente eleito pelo Colégio Eleitoral em 1985, Tancredo Neves, foram demais para mim. Sepultava-se de vez qualquer motivação para continuar a minha anônima e amadora militância política. Para o bem ou para o mal, a aposentadoria como “ativista político” serviu de trampolim para o nascimento do cientista profissional. Dali para a frente, eu iria me refugiar e curar minhas mágoas num outro tipo de empreitada: a busca de uma forma de registrar as magníficas sinfonias elétricas, produzidas pela interação de milhões de neurônios, que definem tudo aquilo conhecido vulgarmente como a natureza humana.

¹ Leia a descrição desse encontro no meu livro *Muito além do nosso eu*.

Dada a situação de penúria extrema da ciência brasileira no final da década de 1980, a opção que me sobrou foi só uma: o exílio voluntário.

Depois do desembarque em Guarulhos, já dentro do voo que me levaria a Brasília, eu repassava mentalmente os detalhes do plano que me motivara a retornar ao Brasil quinze anos depois.

“A ciência como agente de transformação social”, foi assim que eu havia batizado o projeto, ainda no meu laboratório no Departamento de Neurobiologia do então recém-criado Centro de Neuroengenharia da Universidade Duke, na cidade de Durham, estado da Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Junto com dois dos meus alunos brasileiros à época, Sidarta Ribeiro e Janaína Pantoja, e com outros membros da minha equipe, esse plano foi discutido e levado a termo.

À primeira vista, a ideia parecia simples. O seu ponto de partida centrava-se no estabelecimento de um instituto internacional de neurociência, focado na pesquisa em áreas de fronteira da ciência que se especializa na compreensão dos princípios de funcionamento do cérebro. Para superar todos os grandes obstáculos em que haviam naufragado tentativas anteriores, e que ainda nessa época impediam a concretização de um projeto dessa natureza no Brasil, seria preciso inovar em múltiplas dimensões, a começar pela filosofia proposta para um instituto como esse, até novas formas de obter fundos e financiamentos capazes de implementar e, principalmente, manter toda a infraestrutura e operação de um centro de pesquisa de ponta.

Tendo todas essas variáveis em mente, a proposta que eu levava para apresentar a vários ministérios em Brasília, na minha primeira volta à cidade desde a fracassada votação das Diretas em 1985, procurava fugir dos parâmetros convencionais da política científica brasileira. Para começar, o projeto propunha que esse instituto internacional fosse criado no Nordeste brasileiro, bem longe dos centros tradicionais de pesquisa científica, localizados na região Sudeste do país. No começo do século XXI, apenas o estado de São Paulo respondia por quase 80% da produção científica de todo o Brasil. Apoiada em grande parte pelos recursos disponibilizados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), a

mais tradicional e eficiente agência de fomento científico do país, as pesquisas realizadas em São Paulo também consumiam quase 50% dos recursos das três maiores agências financiadoras federais, CNPq, Capes e Finep, teoricamente responsáveis por apoiar a investigação de ponta em todo o território nacional. O grau de distorção dessa geografia científica era tal que, se a São Paulo fossem adicionados os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, quase a totalidade da produção científica brasileira, bem como os gastos do governo federal na área, estariam contabilizados.

Apesar de ter estudado em São Paulo e ter me formado médico e cientista na instituição que mais contribui para a produção científica do Brasil, a Universidade de São Paulo, eu não tinha dúvida alguma de que a única forma de combater essa idiossincrasia seria a disseminação de grandes projetos de infraestrutura científica por todo o território nacional.

A defesa da descentralização da produção científica se baseava no simples fato de que, para poder realmente competir com as grandes potências científicas do mundo, e oferecer à sociedade brasileira os benefícios econômicos e sociais que uma economia do conhecimento pode trazer ao país, o Brasil precisaria tirar melhor proveito da grande variável que faz a verdadeira diferença em ciência: a criatividade humana. Apesar de possuí-la em quantidade exuberante, o Brasil nunca tirara proveito do seu enorme capital humano para a massificação da prática científica.

Para realmente usufruir desse enorme reservatório criativo, em vez de concentrar investimentos, infraestrutura e treinamento de pessoal numa única região do país, em detrimento de quase dois terços da população, era preciso criar em todos os cantos do Brasil as condições para o desenvolvimento da massa crítica humana capaz de operar o grande milagre que move a prática da ciência de ponta em todo o mundo: a arte de observar o até então inobservável, de desvendar os segredos mais íntimos da natureza, e a magia de transformar o aparentemente impossível em factível.

Foi dessa lógica, e do propósito de contribuir para um movimento em prol da descentralização geográfica da ciência brasileira,

que propus a tese de levar para a periferia da capital do Rio Grande do Norte o projeto do Instituto Internacional de Neurociências de Natal, ou IINN, como ele foi inicialmente batizado e apelidado. Como era de esperar, se a escolha do Rio Grande do Norte já parecia desafiar a ortodoxia, a inclusão de um grande componente social como fulcro das atividades do IINN somente aumentou a surpresa, ou consternação, com que a iniciativa foi recebida inicialmente.

Dadas as dificuldades que à época já eram do conhecimento geral, e as centenas de outras que eu, nem por um milissegundo, pude antever naqueles primeiros dias de retorno ao Brasil, você leitor mais curioso deve estar se perguntando: mas o que fez alguém mudar tão radicalmente de rumo, depois de tanto tempo, e decidir retornar ao Brasil para tentar implementar um plano tão improvável? Como alguém poderia ter tido a ideia, ou mesmo apenas a inspiração, de deixar uma vida confortável de cientista numa das maiores universidades norte-americanas para tentar testar um micromodelo de país na pacata Macaíba?

A resposta é simples: um evento similar àquele que me fez decidir deixar o Brasil.

O resultado de uma eleição.

O estopim que precipitou a decisão de voltar ao Brasil e arriscar boa parte de tudo que eu havia conquistado durante o meu exílio científico foi disparado na noite do dia 27 de outubro de 2002, quando aquele mesmo candidato, que terminara a eleição de 1982 para governador do estado de São Paulo em quarto lugar, Luiz Inácio Lula da Silva, se elegeu presidente da República do Brasil. Durante o seu discurso de vitória, Lula conclamou seus conterrâneos a deixar de lado a cruel profecia de que este era apenas o país de um futuro que jamais se materializaria. Em vez disso, do alto dos seus quase 53 milhões de votos, o novo presidente se comprometeu, emocionado, a “fazer pelo Brasil o que precisa ser feito”.

Para mim, esse era o chamado que ansiei em ouvir durante tanto tempo. Cercado dos meus filhos, que pouco ou nada entendiam, e de alguns dos meus alunos, eu me dei conta de que chegara a hora de retornar ao Brasil e responder ao chamado daquele lugar que nunca sai de dentro da gente.

Depois daquela primeira viagem de retorno em março de 2003, outras se seguiram. Dezenas de telefonemas e muitos documentos e formulários depois, em novembro daquele ano, recebi a primeira confirmação de que o recém-eleito governo brasileiro estava disposto a apoiar a instalação da primeira fase da nossa utopia científica em solo potiguar. Logo após receber a notícia por e-mail, vi que era chegada a hora de fazer um telefonema adiado por quase vinte anos.

– Neiva, é você? Não sei se ainda se lembra de mim, aqui é o Miguel, ex-diretor da AAAOC.

– Miguel, claro que eu me lembro. Tudo bem?

– Tudo. Você pode falar um minuto?

– Eu estou no mecânico. Bateram no meu carro e estou tentando ver quanto vai ser o prejuízo. Mas eu posso falar, sim.

– Desculpe incomodar numa hora dessas, mas eu precisava te convidar para um simpósio de neurociências que vamos fazer em março de 2004, em Natal.

– Natal? Neurociências? Que tenho a ver com isso?

– Neiva, pense MedSport, mas maior, muito maior. Você topa? Sem nenhuma hesitação, a resposta foi imediata.

– Para ontem! Pode pôr os russos da Mooca na lista.

E o resto, agora, virou história.